Cartografias afetivas dos congados de Berilo, Minas Gerais

Affective cartographies at congados in Berilo, Minas Gerais

Raissa Fernandes Faria
raissaffaria@gmail.com
https://orcid.org/0009-0001-5528-5088

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Maria Gislene Carvalho Fonseca
mgisacarvalho@gmail.com
http://orcid.org/0000-0003-3201-1946

Professora do Dep. de Comunicação Social da UFMA. Doutora em Comunicação com estágio pós-doutoral pela UFMG.

Resumo

Este artigo apresenta um movimento de fazer cartográfico como fundamento metodológico e analítico de uma pesquisa no campo da Comunicação sobre os sentidos do Congado em Berilo-MG. É apresentada a construção cartográfica como base deste trabalho, considerando as dimensões afetivas, éticas e políticas que compõem o processo de criação colaborativa de conhecimento junto aos sujeitos envolvidos em pesquisas sociais. Têm-se como referências teóricas, entre outras: Virgínia Kastrup (2007), Sueli Rolnik (2011) e Alexander Ocaña e Maria López (2019). Como empiria, são apresentadas as construções de mapas afetivos realizados junto à comunidade a respeito do entendimento do Congado na região. A partir das reflexões e experiências aqui expostas, foi possível averiguar que o fazer cartográfico de fato configurou fundamento metodológico e analítico fundamental para o estudo da complexa prática cultural do Congado de Berilo.
Palavras-chave: cartografia, mapas afetivos, Congado.

Abstract

This article presents cartographic movement as a methodological and analytical basis for research in the field of Communication on the meanings of Congado in Berilo, state of Minas Gerais, Brazil. The cartographic construction is presented as basis of this work, considering the affective, ethical, and political dimensions that compose the process of collaborative knowledge creation with subjects involved in social research. Theoretical references include, among others: Virgínia Kastrup (2007), Sueli Rolnik (2011), and Alexander Ocaña and Maria López (2019). As empirical evidence, we present the construction of affective maps performed with the community on the understanding of Congado in the region. Based on the reflections and experiences presented in this article, it was possible to verify that cartographic processes in fact organized a fundamental methodological and analytical foundation for the study of the complex cultural practice of Congado in Berilo.
Keywords: cartography, affective maps, Congado.

Introdução

Este artigo é o resultado do processo metodológico de uma pesquisa realizada no campo da Comunicação sobre a construção de sentidos do Congado na cidade de Berilo-MG. Trata-se aqui do fazer cartográfico como fundamento metodológico e analítico, considerando as dimensões afetivas, éticas e políticas que compõem o processo de criação colaborativa de conhecimento junto a sujeitos envolvidos em pesquisas sociais. Apresenta-se, como resultado, a construção de mapas afetivos, entendidos como representações visuais de espacialidades que têm como métricas e parâmetros as percepções subjetivas, as práticas culturais e as memórias dos sujeitos que os constroem.

O objeto empírico do trabalho são dois mapas afetivos construídos de forma colaborativa com grupos de Congado[1] da cidade de Berilo, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Os dois grupos são o Congado de Nossa Senhora do Rosário dos Quilombolas de Berilo (composto por 50 membros de comunidades quilombolas da região) e a Congada de São João Batista do Quilombo de Lagoa de Ezequiel (localizado na comunidade recentemente certificada como remanescente quilombola de Lagoa de Ezequiel, na zona rural do município, com cerca de 30 membros). Trata-se de um recorte realizado em pesquisa de escopo mais amplo, cuja proposta foi observar os Congados de Berilo enquanto práticas comunicativas. O foco, assim, são as produções de sentidos e as trocas simbólicas que emergem das experiências, tendo em vista a perspectiva proposta por França e Simões (2016, p. 27) a respeito dos objetos de estudo da comunicação:

> *[...] entendemos que o objeto de estudo da comunicação é exatamente a comunicação: uma concepção, uma forma de ver,*

[1] Congado também é chamado de Congada ou Reinado, a depender de suas configurações e região. Chamam-se aqui genericamente de Congado os festejos que envolvem a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a outros santos católicos tradicionalmente ligados à população afro-brasileira, como São Benedito e Santa Efigênia, aquelas realizadas especialmente em Minas Gerais e caracterizadas por cortejos com instrumentos, danças e cantigas, fundamentadas em liturgias próprias.

DOI: https://doi.org/10.4013/qt.2023.1122.09 – Vol. 11, nº 22, julho-dezembro/2023

> *perceber e enquadrar uma ação qualquer enfocando e resgatando sua dimensão comunicacional. Trata-se de um modelo através do qual podemos ler um dado fenômeno, por exemplo, um programa televisivo, um comício, uma conversa, enquanto prática comunicativa, troca simbólica que envolve vários elementos.*

Compreendendo a prática do Congado em si mesma, com todas as trocas simbólicas e conversacionais como prática comunicativa, propusemos a construção do que chamamos de mapas afetivos. Os mapas tiveram como objetivo materializar e compreender os sentidos da experiência congadeira para os agentes que participam dessa prática cultural. Além disso, eles se revelaram como suporte comunicativo do grupo; no fim do processo e nas sedes de cada coletivo, suas ideias foram expostas de maneira permanente a ampla visibilização e compartilhamento. No recorte proposto neste artigo, apresentam-se os caminhos analíticos construídos a partir da produção dos mapas afetivos e uma síntese dos resultados obtidos no processo.

Conceitualmente, tomam-se como base, por exemplo, as perspectivas de Ocaña e López, que propõem repensar a ideia de "investigador" na pesquisa – que seria substituída pela de "mediador decolonial". Discute-se como a perspectiva decolonial dialoga com o fazer cartográfico. São trazidas também, entre outras, as perspectivas de Rolnik (2011), com suas proposições sobre o fazer cartográfico como mergulho atento que devora os caminhos percorridos, assumindo seus desejos e efemeridades. Por fim, consideram-se as proposições que Kastrup (2007) elabora para contribuir e coletivizar as experiências do cartógrafo a partir de quatro movimentos de atenção: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

A partir dessas perspectivas, é construído o entendimento de que as cartografias podem ser abordadas como posicionamentos éticos e como métodos práticos para abordar e dialogar com objetos complexos no campo da comunicação. Nesse sentido, aponta-se para como se configurou o fazer cartográfico na pesquisa realizada e para a construção dos mapas afetivos e suas possibilidades teórico-metodológicas, que embasam o trabalho realizado na investigação. Em seguida, discorre-se sobre o processo de construção cartográfica junto às comunidades de Berilo. São descritos os encontros e as etapas de elaboração dos mapas e, em seguida, aborda-se o conteúdo trazido pelos integrantes dos grupos. O mapa interativo construído durante esse processo é apresentado para, afinal, uma reflexão sobre os sentidos produzidos durante a produção do material.

Epistemologicamente, o ponto de partida fundamental do trabalho é a noção de que o conhecimento produzido no decorrer da investigação é necessariamente colaborativo. Esse posicionamento, de base decolonial, é fundamental para indicar o percurso seguido nesta investigação, as escolhas teórico-metodológicas realizadas e o entendimento dos processos cartográficos aqui abordados.

1 Perspectivas para uma cartografia afetiva

Para a realização de nossa cartografia afetiva, partimos da perspectiva de Ocaña e López (2019, p. 13, tradução nossa), que propõem que o processo da pesquisa social "não se destina a 'extrair' informação, mas sim a produzi-la". Eles sugerem que repensemos a própria terminologia de "investigador", passando à ideia de "mediador decolonial":

> *O mediador decolonial conversa afetivamente com um professor, depois com outro, e depois com outro ainda, até criar um grupo de reflexão, de forma espontânea, sem pressupostos, sem expectativas, sem a priori, sem condições, permitindo que esses professores também façam perguntas. É um diálogo respeitoso e solidário, com afeto, entre iguais, sem que o mediador decolonial seja o único que pede. Não é uma entrevista, é uma conversa espontânea e fluida, emergente. Também não é um grupo de discussão, é um coletivo de aprendizagem emergente (Ocaña; López, 2019, p. 14, tradução nossa).*

O desafio posto para nosso trabalho é criar caminhos de produção de respostas e até das próprias perguntas de pesquisa, de forma que fossem construídos colaborativamente com os sujeitos envolvidos e que promovessem oportunidades de: a) observação comunitária do Congado; b) conversas alternativas; e c) reflexões configurativas (Ocaña; López, 2019).

Desprendendo-se das lógicas impostas por um padrão científico positivista, universalista, eurocêntrico e branco, uma perspectiva decolonial permite expandir as possibilidades de consultas e acessos a narrativas invisibilizadas, a fontes não escritas e a conhecimentos diversos. Permite questionar as narrativas totalizantes e racistas da história, colocar em xeque os eixos do que é compreendido como centro e o que é marginalizado e alcançar aspectos da realidade de maneira mais ampliada.

Assim, para de fato trilhar uma construção do conhecimento que seja coletiva, decolonial e que não parta dos pressupostos estabelecidos pelo padrão positivista eurocêntrico, o fazer cartográfico se apresenta como grande caminho possível. Como colocado por Grada Kilomba (2019), não se trata aqui de "dar voz" ou de tentar encaixar nos parâmetros de conhecimento modernos os saberes e as experiências subalternizadas, mas sim de reconhecer, ouvir, abrir espaço e aprender com vozes diversas que já vêm sendo evocadas persistentemente: "Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido" (Kilomba, 2019, p. 51). O fazer cartográfico abre caminho para que seja possível chegar a conhecimentos que estejam fora daquilo limitado às margens dos padrões positivistas de construção de saberes.

O que é construído como ponto de partida na pesquisa realizada tem uma perspectiva ética e implica que os procedimentos metodológicos devem ser mobilizados e modificados conforme construímos uma trajetória de observação, fundamental para os movimentos cartográficos. Os operadores analíticos da pesquisa, por exemplo, foram elencados a partir dos acionamentos da prática cultural nesse processo. Com a compreensão de que o conhecimento só seria construído colaborativamente e à medida que a caminhada investigativa avançasse, a metodologia dessa pesquisa não poderia ser definida *a priori*. Esse entendimento é fundamental para a construção do fazer cartográfico abordado neste trabalho.

A cartografia, para Rosário e Coca (2018, p. 35), pode ser vista de diferentes maneiras: "pode ser compreendida como metodologia, método ou procedimento metodológico, dependendo do uso, da intenção de quem pesquisa e da

dimensão que ela ocupa no processo". De acordo com as pesquisadoras, o fazer cartográfico pode imputar a criação de mapeamentos, formas de organização de resultados ou procedimento para análise, por exemplo. Contudo, ainda segundo elas, as cartografias também podem ser entendidas como forma de pensamento, como método de pesquisa, orientação geral ou como ética do trabalho.

Na construção desse movimento metodológico, para além da demanda de uma pesquisa de perspectiva decolonial, o Congado traz outra demanda que o fazer cartográfico ajudou a responder: o desafio de produzir conhecimento sobre uma prática cultural e religiosa que é multissensorial e que tem como principal suporte os corpos dos sujeitos que o produzem e o vivenciam. Dessa maneira, o Congado não pode ser apreendido, traduzido ou reduzido às explicações de linguagem escrita (Fonseca, 2019). Ele só pode ser vivido e vivenciado em sua presença; foge a qualquer tentativa de fixação e captação em gravações, transcrições e descrições. Depende do corpo inscrito, entremeado, modificado e modificante que presencia os festejos. Leda Maria Martins expõe esse desafio de tentar transpor para a letra escrita as múltiplas significações dos Reinados. A autora traz a seguinte questão: "como apreender, sem reducionismos teóricos, as fabulações da memória que habitam as narrativas dos reinadeiros e a complexidade da representação simbólica que se pereniza no tempo, geração após geração?" (Martins, 2021a, p. 22).

A cartografia pode criar, assim, caminhos para que esses afetos corporais e sensoriais da prática estudada pudessem ser apreendidos em alguma medida e considerados em pesquisa. As reflexões de Rolnik apontam para essa perspectiva. Para a autora, a tarefa do cartógrafo é "dar língua para afetos que pedem passagem" (Rolnik, 2011, p. 23), sendo necessário nesse processo ter atenção aos diversos elementos que se apresentam pelo caminho/caminhada. A cartografia estaria relacionada a "mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos" (Rolnick, 2011, p. 23).

Ao propor nessa pesquisa uma cartografia afetiva dos Congados de Berilo, trabalha-se com um sentido duplo da ideia dos afetos. São ligados tanto ao processo prático de mapeamento afetivo dos sentidos da manifestação cultural nos Congados de Berilo, como procedimento metodológico realizado, quanto também à ética desse trabalho, seu pensamento condutor. A lógica cartográfica e decolonial são premissas: não se pode ir a campo para pesquisar apenas, mas também para oferecer suporte aos aspectos da realidade que ainda não se conhece, para que sejam visibilizados.

A partir de Kastrup (2007, p. 15), entende-se que "não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim", pois a pesquisa é movente e porosa ao que vai aparecendo no caminho, dialogando com Rosário e Coca (2018, p. 37), em "um mapa que está em constante movimento, já que a cartografia não oferece regras definidas por antecedência, um roteiro definido e fixo ou um método estabelecido de trabalho".

A lógica cartográfica é de que o caminhar da pesquisa seja, em si mesmo, o suporte de reflexão. O mapa desenvolvido na pesquisa está em constante movimento, seguindo os trajetos que interpelam sua relação com a realidade. A cada descoberta e surpresa que o percurso traz, o mapa é modificado. Nessa perspectiva, o papel do pesquisador e sua relação com os sujeitos envolvidos na investigação mudam drasticamente do que observamos na tradição da ciência moderna e se alinham a um pensamento decolonial, como anteriormente descrito. Trata-se, na construção cartográfica, do que Rolnik (2011, p. 31) aborda como desejo de produção de universos psicossociais, "o próprio movimento de produção desses universos".

Se o percurso é criado a partir dessa relação com as práticas e sujeitos envolvidos, não se concebe a ideia de separação objetiva entre investigador e investigado, por exemplo. O conhecimento é produzido coletivamente, devido e dentro do encontro provocado por essa troca:

> *Não é possível, por exemplo, considerar o sujeito com quem se vai fazer a pesquisa como um informante apenas, ele será o sujeito com quem se vai desenvolver a investigação, com quem se vai construir conhecimento. Neste ponto, é relevante considerar que a cartografia opera sobre o coletivo, extrapolando as disciplinas, as dimensões hierárquicas entre pesquisador e pesquisado (Rosário; Coca, 2018, p. 40).*

Aí mora o caráter inventivo da pesquisa cartográfica: no encontro com o outro, o que se tem não é a soma de dois conhecimentos prévios, mas a criação de terceiros conhecimentos, novos e possibilitados pela troca. Nessa perspectiva, o ato de pesquisar a realidade não se reduz à sistematização de uma realidade dada e fixa. A pesquisa é um trabalho também de transformação coletiva da realidade, em certa medida.

> *Enfim, o método cartográfico faz do conhecimento um trabalho de invenção, tal como indica a etimologia latina do termo invenire – compor com restos arqueológicos. A invenção se dá através do cartógrafo, mas não por ele, pois não há agente da invenção. Ocorre que, ao final, realizando o que Bergson (1934/1979) denominou de movimento retrógrado do pensamento, costumamos esquecer o lento e laborioso processo de construção do conhecimento, chegando a acreditar que ele não existiu e, se existiu, foi sem importância para os resultados a que se chegou. Trata-se de uma ilusão da inteligência, que devemos procurar apagar, bem como a ilusão de uma suposta atitude natural. Em seu lugar, pode ser cultivada a atenção cartográfica que, através da criação de um território de observação, faz emergir um mundo que já existia como virtualidade e que, enfim, ganha existência ao se atualizar (Kastrup, 2007, p. 21).*

Essa perspectiva é um confronto direto à lógica científica moderna, dado que compreende o caminho e o processo como importantes na mesma medida das conclusões ou dos resultados. Nas palavras de Rosário e Coca (2018, p. 40), "o que se apresenta nesse cenário é a de-sestabilização dos modos de organização do conhecimento".

Para a concretização, então, de uma prática cartográfica, Kastrup (2007, p. 18) propõe alguns caminhos que podem contribuir para coletivizar as experiências do cartógrafo. São eles: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. A autora faz isso ciente de que a construção do percurso metodológico será sempre uma experiência específica de cada processo investigativo, sem possibilidade de criação de uma estrutura fixa.

Ainda de acordo com a autora, a primeira variedade da experiência do cartógrafo é o "rastreio", o movimento inicial de mapear o campo sem recorte fechado e definido, "um gesto de varredura do campo" (Kastrup, 2007, p. 18). É uma atenção

difusa e aberta nesse momento inicial, que busca rastrear de forma genérica o território de interesse. A segunda variedade proposta por Kastrup, o "toque", acontece quando a atenção do cartógrafo é capturada, tocada, por algo em meio ao rastreio: "O toque é sentido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção" (Kastrup, 2007, p. 19).

Nesse momento ainda não há clareza acerca do objeto que toca o cartógrafo, mas há um interesse sensorial de parada e busca pela construção de compreensões. Caminhamos, então, para a terceira variedade proposta pela autora, o "pouso": "o gesto de pouso indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de *zoom*" (Kastrup, 2007, p. 19). Os contornos de observação se delimitam aqui, e o cartógrafo focaliza mais a atenção e se organiza em um recorte reflexivo, ainda que momentâneo. Por fim, a última variedade de atenção proposta por Kastrup é o "reconhecimento atento". Diferentemente do reconhecimento automático, esse está alerta aos processos, ao caminho e ao que pode estar camuflado, passando despercebido ao olhar desatento.

> *O que fazemos quando somos atraídos por algo que obriga o pouso da atenção e exige a reconfiguração do território da observação? Se perguntamos "o que é isto?" saímos da suspensão e retornamos ao regime da recognição. A atitude investigativa do cartógrafo seria mais adequadamente formulada como um "vamos ver o que está acontecendo", pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto. É preciso então calibrar novamente o funcionamento da atenção, repetindo mais uma vez o gesto de suspensão (Kastrup, 2007, p. 20).*

A seguir, são apresentadas essas variedades propostas por Kastrup e seu papel na condução do processo de pesquisa. Passe-se, então, ao foco de um dos métodos utilizados: os mapas afetivos.

2 Percurso cartográfico

O percurso e as ferramentas metodológicas da pesquisa realizada foram construídos de forma processual e não foram definidos *a priori*. Ao contrário: foram desenhados à medida que o caminho se destrinchava, já que o processo cartográfico não pode ser totalmente fixo e pré-estabelecido. O caminho se organizou a partir das variedades propostas por Kastrup, de acordo com o descrito a seguir.

Os primeiros movimentos, que a autora chama de rastreio e de toque, se deram nos mapeamentos prévios realizados. Essa fase é chamada na pesquisa de "licença pra chegar", uma etapa de levantamentos iniciais de informações, de criação de vínculos com os sujeitos, nesse caso, produtores do Congado no Vale do Jequitinhonha de forma geral e ampla. Houve também conversas informais com sujeitos produtores, pesquisas preliminares ainda sem recorte mais preciso. Foi a partir desse rastreio e breve toque a partida para a segunda variedade proposta por Kastrup: o pouso que, na pesquisa, foi o processo de contato e convivência com os Congados de Berilo, especificamente. Vivências nos festejos foram registradas em diários de bordo, com aproximação dos e das congadeiras da cidade, além de outras ações e projetos no território que ajudaram a "pousar" de fato na cidade, em seu contexto e nas trocas com seus sujeitos.

Por fim, abordamos a última variedade proposta pela autora: o reconhecimento atento. Um movimento de atenção focado a partir do rastreio, do toque e do pouso, esse reconhecimento provocou e convocou processos de significação nos sujeitos pesquisadores que estavam envolvidos nessa construção de conhecimento. É nessa variedade final do movimento cartográfico da pesquisa que se foca este artigo. No trabalho, o reconhecimento atento ocorreu a partir da proposição de produções comunicativas e colaborativas. Para que fosse possível o aprofundamento junto aos sujeitos produtores nos sentidos que o Congado tem para o coletivo que o produz e o experimenta, construiu-se a ideia de um fazer comunicativo coletivizado. No caso do recorte dessa pesquisa, trata-se da criação conjunta de mapas afetivos, melhor apresentados na sequência.

Essa proposição de fazer colaborativo e comunicativo tem como pano de fundo a noção de mídia-processo. Esse conceito, cunhado pela Agência de Inciativas Cidadãs,[2] propõe uma abordagem metodológica de criação de conhecimentos a partir da experimentação prática e colaborativa da produção de conteúdo midiático e comunicativo. Entendendo o processo de criação coletiva de conteúdo como tão relevante quanto o resultado do que se cria, a proposta de mídia-processo é que, a partir da produção de uma peça comunicativa, é possível compreender e enunciar melhor, e coletivamente, os sentidos que atravessam o que se deseja comunicar.

A técnica de criação coletiva de um produto midiático pode ajudar um coletivo, por exemplo, a enunciar e elaborar sentimentos e ideias de maneira mais aprofundada. Essa perspectiva possibilita, ainda, acionar diferentes linguagens para além da palavra falada ou escrita, já que, ao criar um produto comunicativo, acionam-se outras formas de expressão possíveis. Para além da materialidade dos mapas afetivos criados, o próprio processo de concebê-los foi importante para a análise. Além do resultado material, o processo de sua criação e as conversas geradas a partir dele foram fundamentais para todo o entendimento apresentado aqui.

3 Os mapas afetivos

Os mapas afetivos consistem em representações visuais de espaços compartilhados por coletivos. Essas representações não se limitam às regras de escala e da literalidade do espaço físico mapeado, mas dão destaque às relações afetivas que as pessoas têm com os espaços, as territorialidades construídas. Neste trabalho, propôs-se que os grupos participantes construíssem mapas afetivos que apresentassem os Congados de Berilo.

Pela diversidade de sentidos do Congado, percebida a partir dos deslocamentos[3] pelos festejos de Berilo, foi proposta a

[2] Organização da sociedade civil, atuante em projetos de arte, comunicação e cultura em diversos estados brasileiros desde 1990. Disponível em: https://aic.org.br/. Acesso em: 15 abr. 2023.

[3] A ideia de "deslocamentos" aqui tem tanto o sentido literal da palavra, o de mover-se, deslocar-se por diferentes espaços, quanto a ideia de um deslocamento de olhar, uma mudança de perspectiva para ver os caminhos, ou mesmo uma troca de lentes e apuração dos sentidos para

criação colaborativa de uma espécie de painel de sentidos que apresentasse uma colagem de polissemias, em forma de mapa afetivo. Não se trata, assim, de instrumentos da ciência da cartografia geográfica, e sim de dispositivos, facilitações gráficas, que fomentam o diálogo e a reflexão dos sujeitos que os elaboram a respeito das territorialidades constituídas em seus espaços compartilhados, os quais chamamos mapas afetivos.

Esses mapas, contudo, ainda podem manter relações com os referenciais geográficos e com as representações gráficas já existentes e demarcadas desses territórios. Antes de gerar um aprofundamento sobre os mapas afetivos e suas possibilidades, é importante retornar para uma reflexão sobre os mapas "convencionais" e seus papéis sociais. Como afirma Henri Acselrad (2008, p. 13), "todos os mapas são uma abstração do mundo, elaborada sempre a partir de algum ponto de vista". O autor argumenta que há um monopólio do fazer cartográfico, dominado por atores que se utilizam desse fazer e conhecimentos como instrumento de opressão e exercício de poder sobre o território.

Em Acselrad (2008), apresenta-se a ideia de "cartografia social" como experiência de comunidades, movimentos sociais e associações localizadas em espaços que criam elas próprias seus mapas, elaborando representações dos lugares onde vivem e traduzindo visualmente seus mundos na perspectiva que lhes seja própria. As cartografias sociais são uma apropriação da elaboração cartográfica ocidental tradicional por parte de sujeitos que compreendem que essas representações já existentes não são suficientes ou são uma representação distorcida de aspectos físicos, socioculturais e simbólicos de seus territórios.

"Podemos considerar que na política dos mapeamentos estabelece-se uma disputa entre distintas representações do espaço, ou seja, uma disputa cartográfica que se articula às próprias disputas territoriais" (Acselrad, 2008, p. 14). Esses sujeitos tomam para si a tarefa de apresentar figurativamente seus territórios, buscando o controle político de decidir os motivos para criar mapas, quem os faz, como são feitos e o que é considerado relevante ou não para inserção nessas representações.

Acselrad (2008) discute o papel social dos mapas e demonstra como são políticos e, longe de serem documentos frios e passivos, modificam de maneira muito direta as relações socioespaciais dos sujeitos. Elaborados sem a participação legítima de quem ocupa o território mapeado, os mapas terminam por contribuir para o apagamento de modos de organização e relação com os espaços, culturas e saberes. O autor aponta para a cartografia como instrumento político-social, destacando que a ideia de mapeamento está muito ligada ao exercício de poder sobre territórios e refletindo sobre suas implicações e modos de fazer.

A pesquisa de Acselrad demonstra como as cartografias sociais podem ser mecanismos de produção de "contranarrativas",[4] de disputa discursiva e de mobilização social. As cartografias sociais experimentadas pelo pesquisador se tratavam de desenhos geográficos com recortes, enfoques e pontos de interesse que dialogavam com as necessidades dos sujeitos diversos que participavam do projeto cartográfico. Eles eram, em sua maioria, georreferenciados e obedeciam às regras de escala em relação às referências territoriais mapeadas.

Ao produzir mapas colaborativos dos congados de Berilo, assim como nas cartografias sociais, criamos materialidades compartilháveis de informações, imagens e ideias que antes eram alvo de invisibilidade e marginalização. Os mapas afetivos nascem dessa mesma demanda apresentada por Acselrad (2008), de criar contranarrativas e elucidar as "áreas opacas" nomeadas por Milton Santos (2014), isto é, identificar outros pontos de interesse, questionando as representações já criadas.

Contudo, para além de uma representação literal e metrificada dos espaços, esses mapas buscam capturar as relações de sociabilidade, os valores, as crenças e as formas de vida coletivizadas que aquele território, enquanto espaço físico, faz emergirem. A pesquisadora Ana Paula do Val (2016, s.p.) define:

> *O conceito de mapa afetivo se constrói na minha pesquisa e vivência por meio de processos de mediação sociocultural, mapeamentos participativos e de engajamento de agentes cartógrafos com suas relações de pertença com os espaços. Gerando assim, possibilidades de ler o território como produto de múltiplas temporalidades, percepções e apropriações do espaço, que desencadeiam memórias e discursividades – de sentidos atribuídos e construídos, todos antagônicos, convergentes, parasitas, consensuais e conflitantes –, de modo a refletirem a sua dimensão simbólica do que é intangível num espaço físico constituído como um campo de disputas agenciado por redes de dimensões espaciais e culturais.*

Um mapa afetivo é uma proposta para capturar algumas pistas desses sentidos múltiplos de territorialidade, produzidos pelos sujeitos, que são absolutamente subjetivos e estão em constante movimento. É um chamado para que os sujeitos se localizem como agentes nesses processos e espaços, tornando-se parte da rede de afetações e significações entre os atores sociais que, ao mesmo tempo, são formados por e constituem esses territórios mapeados. É assim que essa ferramenta contribuiria para as investigações propostas neste artigo: com a oportunidade de discutir de maneira coletiva e de expressar em uma materialidade compartilhada os sentidos comuns de Congado entre os sujeitos que o constituem.

Entende-se que o processo de criar um mapa afetivo colaborativamente é uma ferramenta potente de diálogo. Mais do que o resultado do mapa criado, importam o processo de sua criação e as conversas geradas a partir dele. A proposta apresentada aqui é de que esse processo aprofunde o entendimento de uma questão de pesquisa: o mapa afetivo busca identificar como territorialidades, temporalidades e tradicionalidades atravessam os sentidos de Congado produzidos pelos grupos estudados.

A expectativa inicial era de que esse dispositivo fizesse emergir as memórias, os sujeitos, as presenças ausentes, os caminhos, os espaços de encontro, os elementos simbólicos e os referenciais a esse *ethos* compartilhado que constitui o Congado de Berilo. Em termos práticos, pressupunha-se que

observar o percurso. Ainda, esta é uma proposta de deslocamento subjetivo entre os pressupostos, os lugares de referência e as bagagens que trago em direção a essas outras experiências que passo a vivenciar no contato com o Congado.

[4] Chamamos de "contranarrativas" as narrativas não hegemônicas e produzidas em resistência a tentativas de apagamentos e processos de marginalização.

constariam nos mapas elementos como: os trajetos percorridos pelos cortejos, os espaços físicos onde os festejos acontecem (como praças, casas de reis e rainhas festeiros, igrejas etc.); que aparecessem os elementos simbólicos que constituem o Congado, como vestimentas, instrumentos; as crenças e cosmovisões que atravessam a manifestação cultural e religiosa, as questões de ancestralidade, as memórias e as presenças ausentes, apresentados a partir de fotografias, canções, falas e lembranças.

4 A experiência em Berilo

Para a construção do mapa afetivo em Berilo, foi proposta uma oficina coletiva, com a seguinte pergunta disparadora: "Se fôssemos representar o que o nosso grupo de Congado significa em um mapa, como seria?" O objetivo era que a questão funcionasse como instigadora de diálogos coletivos. Apresenta-se na sequência como foram os processos e as questões práticas de mobilização e execução da oficina para a criação dos mapas com os dois Congados de Berilo.

4.1 Planejamento de mobilização

Com o apoio dos capitães e lideranças dos dois grupos, foi agendado um encontro para a realização das oficinas de mapeamento e negociado o melhor horário para a realização das atividades, considerando as demandas e contextos de cada localidade. Para convocar os coletivos, a atividade foi apresentada como primeiro passo da pesquisa e construção colaborativa de materiais comunicativos do grupo. A princípio, foi acordado, junto a cada liderança, um limite máximo de participantes para a atividade, considerando as medidas de segurança contra a Covid-19 em vigência naquele momento e garantindo a maior diversidade possível de participantes em termos de faixa etária, funções nos grupos e gênero. Por fim, os grupos foram convidados previamente a levarem, no dia da oficina, fotografias, objetos, instrumentos ou quaisquer outros tipos de registro de memória que considerem representativos de suas relações com o festejo.

4.2 Programação original da oficina

Com o Congado de Nossa Senhora do Rosário dos Quilombolas de Berilo, a oficina foi realizada na sede do grupo, o Casarão Cultural. Já com a Congada da Comunidade Quilombola de Lagoa de Ezequiel, a atividade aconteceu no salão da capela da comunidade. Um aspecto fundamental no planejamento foi garantir meios para que o transporte dos congadeiros fosse viabilizado de forma gratuita.

A duração seria de duas horas. Os espaços foram preparados previamente em ambas as comunidades, com uma mesa grande ao centro e cadeiras para participação dos congadeiros. Ambos os espaços contavam com áreas abertas e muito arejadas; a proposta era que a atividade fosse realizada sempre com a utilização de máscaras pelos participantes para a prevenção contra a Covid-19. Na mesa ao centro foram dispostos um grande tecido (americano-cru) e canetões coloridos para a criação do mapa. Para a realização das oficinas, foi necessário o apoio de um *designer* que auxiliou no processo de registro. Foram levados, em formato impresso, alguns exemplos de mapas afetivos já realizados em outros contextos para inspirar o grupo em relação às múltiplas possibilidades de formato da atividade. É importante destacar aqui que, em qualquer processo de criação coletiva, as relações de poder entre os sujeitos participantes e condutores da atividade não desaparecem – e precisam ser assumidas. Algumas estratégias foram tomadas para mitigar, quando possível, constrangimentos à participação coletiva que pudessem surgir dessas inter-relações previamente postas. A primeira delas foi um longo processo de participação por parte das pesquisadoras no dia a dia da cidade com esses sujeitos. Houve envolvimento em outros projetos locais que não tinham como finalidade direta a pesquisa, e sim o fortalecimento das relações, como presença mais ativa na cidade em outros festejos. Isso fez com que as relações de confiança e intimidade se aprofundassem e que alguns dos estranhamentos prévios fossem mitigados. Outra estratégia foi trazer os capitães dos grupos, que já cultivam uma relação de profunda confiança e respeito com seus membros, muito mais consolidada e antiga, para uma condução conjunta da atividade.

Havia um roteiro para a atividade de criação do mapa. A pergunta disparadora foi a apresentada anteriormente, com apoio dos capitães dos grupos: "Se fôssemos representar o que o nosso grupo de Congado significa em um mapa, como seria?" Para instigar o processo de elaboração dos participantes, foram exemplificados alguns elementos possíveis de mapear, tais quais: Lugares, Sensações, Cheiros, Sabores, Pessoas, Memórias, Sons e Imagens. Após o alinhamento feito com todos acerca da proposta e, considerando a pergunta disparadora, foi feita a seguinte proposição para o grupo: "O que vamos colocar no centro do mapa?"

A partir dessa definição coletiva da referência central para o mapeamento dos elementos diversos que representam o Congado daquela localidade, o grupo seria convidado a sugerir, em uma roda de conversa, elementos iniciais que consideram importantes e onde esses elementos se localizam no mapa. A ideia era que, nesse momento, as pessoas fossem convidadas também a compartilhar objetos ou fotografias que tenham trazido para ajudar a montar essa colagem de significâncias do Congado local. A mediação da conversa seria feita pelas pesquisadoras e pelos capitães, enquanto o *designer* auxiliaria registrando os elementos que surgirem na conversa e marcando-os no tecido com blocos de notas adesivos. Os participantes também poderiam realizar essa marcação com os blocos.

Após uma deliberação sobre os elementos que fossem constituindo o mapa, sobre o que faltava e o que podia mudar de lugar ou de tamanho, por exemplo, os participantes seriam convidados a finalizar coletivamente o mapa, já passando as marcações de rascunho para o desenho final com os canetões.

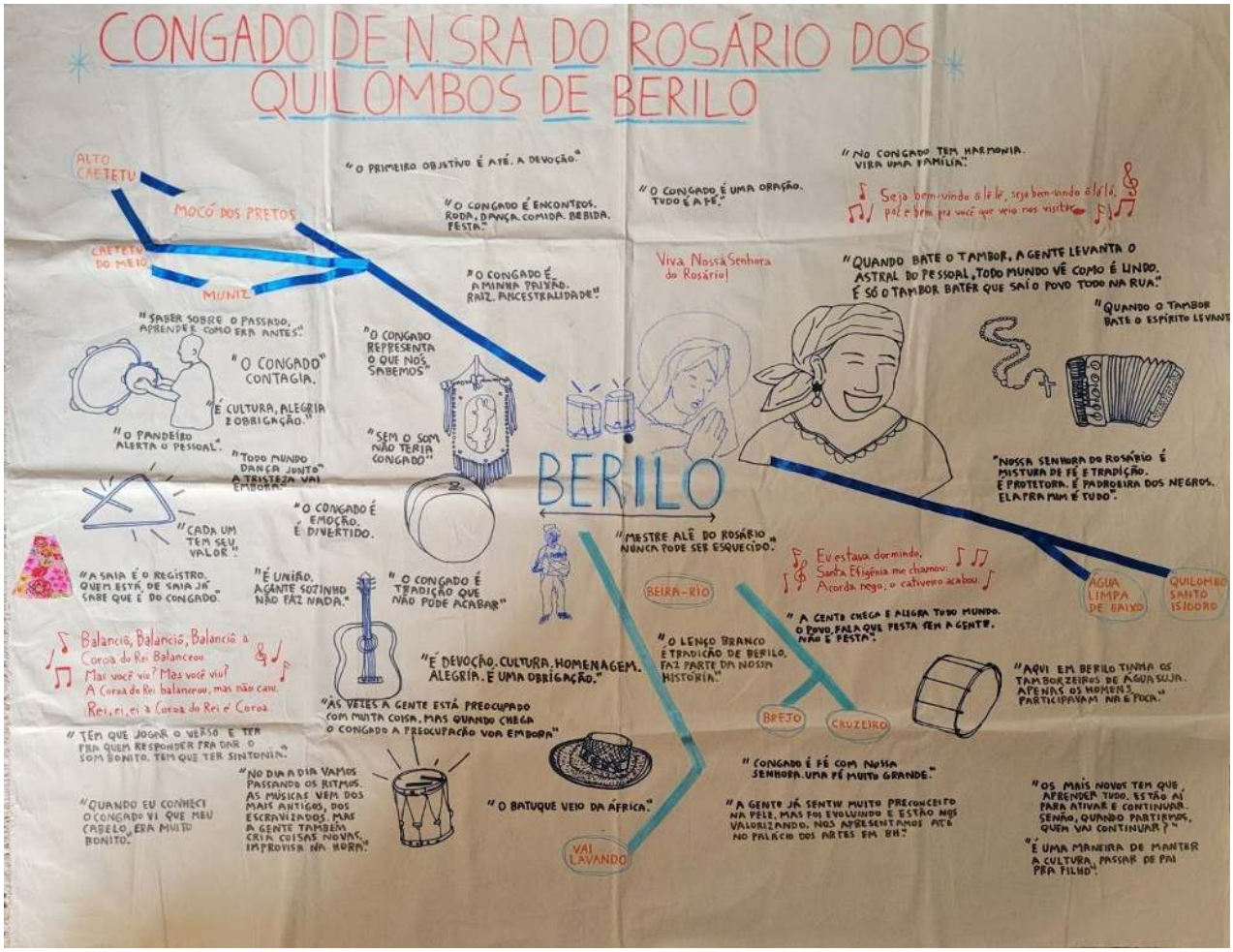
Um momento importante seria o intervalo para o lanche, utilizado também para a finalização dos desenhos e inserções no mapa. No fim do intervalo, o mapa finalizado seria apresentado ao grupo para que todos pudessem contemplar o resultado. Neste momento, seria realizada uma roda de conversa avaliativa para que os participantes pudessem olhar para o mapa construído colaborativamente e refletir sobre o quanto ele conseguia representar o Congado local, o que ainda fica de fora e o que sentem ao ver o mapeamento representado daquela maneira.

Após a edição final dos mapas, ambos foram expostos nas sedes dos grupos de maneira que toda a comunidade e visitantes pudessem conhecer as ideias ali construídas. Foi criado, ainda, um mapa em versão digital e multimídia para ampla difusão dos resultados.

4.3 A experiência na prática

A partir desse planejamento, as experiências se desdobraram, trazendo várias surpresas e reconfigurações impostas pela prática de fato na relação dos sujeitos com a proposição e pelas circunstâncias de infraestrutura e contexto dos congadeiros de Berilo. A seguir são apresentados os mapas construídos com os grupos.

Figura 1 – Mapa afetivo/painel de ideias criado com o grupo Congado de Nossa Senhora do Rosário dos Quilombos de Berilo



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Figura 2 – Foto do mapa afetivo/painel de ideias criado com o grupo Congada de São João Batista do Quilombo Lagoa Ezequiel



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Entre os elementos inesperados que impeliram a readequação da proposição idealizada, o principal foi a mobilização do encontro em ambas as comunidades. Como apresentado, a participação sugerida era de cerca de 10 a 15 membros que representassem a diversidade de participantes (pessoas de diferentes faixas etárias e funções). Entretanto, participaram 30 pessoas no grupo de Berilo e cerca de 40 em Lagoa Ezequiel. Nesse segundo local, inclusive, contou-se com a presença de outros moradores, que não faziam parte do coletivo.

Em ambos os casos todos e todas foram muito participativos, e havia diversidade de faixa etária e funções no grupo. A ideia de ter apenas alguns representantes do coletivo não fez sentido para os sujeitos, já que a coletividade é elemento fundamental compartilhado entre eles. Apesar da grande quantidade de pessoas, a maior parte dos participantes se sentiu muito à vontade para falar e participar na criação do mapa. Contudo, esse aumento triplicado da quantidade de pessoas exigiu uma adaptação repentina do planejamento.

A principal alteração foi que, em vez de intervirem efetivamente na escrita e no desenho do mapa, muitas pessoas fizeram contribuições orais que iam sendo registradas por uma quantidade menor de pessoas. Houve também menos tempo de fala para cada um, e a programação de gestão do tempo da oficina não pôde ser seguida à risca, fazendo com que algumas das etapas previstas fossem adiadas para outras ocasiões. Não foi possível finalizar o mapa com todas as informações trazidas pelos dois grupos no dia. Todas as indicações de quais informações precisavam ser registradas foram anotadas e foi estabelecido o combinado de que o mapa seria finalizado e devolvido na próxima oportunidade de encontro[5] (Figura 3). Destacamos que isso foi realizado pelo *designer*, que seguiu as instruções de inserções de imagens e símbolos no mapa deixadas pelo grupo. Após a finalização, em novo encontro, validamos os resultados com os grupos.

Em Lagoa de Ezequiel (Figura 4), o planejamento original da oficina precisou ser ainda mais subvertido. A chegada ao local teve alguns percalços devido a um problema no ônibus fornecido para o transporte de moradores da zona rural e às más condições da estrada de terra que leva até o quilombo. Foram mais de quatro horas de espera na beira da estrada para que a chegada fosse possível, e o coletivo não desistiu de prosseguir

[5] Essa finalização consistiu em passar as informações e ilustrações orientadas pelo grupo de *post-its*, para a superfície do tecido onde construímos o mapa.

com a atividade, que teve início já às 21h do sábado em que estava agendada. Sem romantizar as adversidades, o sentimento de compromisso de todos com a prática, a resiliência e a persistência das pessoas para não desistirem e superarem coletivamente os desafios que surgiram foram muito marcantes e ajudaram a montar esse painel semântico das vivências do grupo. O tempo de troca na beira da estrada enquanto se esperava o resgate foi um espaço expandido da atividade que também contribuiu para o mapeamento de sentidos que era buscado.

A realidade da experiência de criação do mapa acabou gerando menos um mapa no sentido literal de uma representação visual de espaços e mais um painel de referências, ideias e sínteses dos sentidos de ser congadeiro que aquele coletivo produz. A princípio, o processo de criação do mapa e as conversas que ele propiciou foram mais significativas do que a sua materialidade final em si. Todavia, também se observou que ele cumpriu, nesse contexto, a função importante de registro e reconhecimento do grupo. Houve uma checagem coletiva do material e todos disseram achar que ele representa bem uma síntese das ideias do grupo a respeito do que seja o Congado para eles.

Após a realização das oficinas e da criação dos mapas em conversas com os grupos, surgiram algumas questões. A primeira foi que muitas pessoas desses grupos não sabem ler, então sentiram falta de mais ilustrações, imagens e sons no mapa. A segunda foi a fala de uma congadeira que, ao ver o mapa e achar muito bonito, disse que "ficou muito bom, mas escrever as músicas não é igual ouvir a gente cantar".

Dessa maneira, buscando contemplar essas questões trazidas e também visando uma maior visibilidade do resultado, o mapa afetivo físico criado nas oficinas foi adaptado para uma versão digital com *hiperlinks*, com mais imagens, sons, vídeos e documentos, reunindo um pouco da diversidade de conteúdo mapeado nos percursos trilhados por essa pesquisa na cidade. Assim, os mapas estão também disponíveis on-line:

1) Mapa interativo do Congado de Nossa Senhora do Rosário dos Quilombolas de Berilo[6];
2) Mapa interativo da Congada de São João Batista de Lagoa de Ezequiel[7].

A criação dos mapas *on-line* e multimídias (com imagens, sons, textos e vídeos) foi um exercício de ampliação das formas de registro e de entregas possíveis de uma pesquisa cartográfica. É uma maneira de sistematização e compartilhamento de conhecimento adquirido na caminhada que extrapola os modos científicos de organização de saberes mais tradicionais como este próprio artigo, por exemplo, se configura.

Figura 3 – Devolutiva do mapa afetivo Congado de Nossa Senhora do Rosário dos Quilombos de Berilo



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

[6] Disponível em: https://raissaff.wixsite.com/congadodeberilo. Acesso em: 30 jun. 2023.

[7] Disponível em: https://raissaff.wixsite.com/congadadelagoa. Acesso em 30 jun. 2023.

Figura 4 – Devolutiva do mapa afetivo São João Batista do Quilombo Lagoa Ezequiel



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

5 Movimentos analíticos e os diálogos construídos

Durante a devolutiva do mapa finalizado, o grupo de Congada de Lagoa de Ezequiel definiu o que produzimos juntos como "um documento". Isso indicou uma reflexão importante sobre o que significou a construção cartográfica produzida. Apontou para a ideia de que o documento que não precisa ser emitido apenas institucionalmente, mas também são documentos válidos e importantes as produções feitas, organizadas, registradas e guardadas pela própria comunidade – que está na comunidade o poder da memória e de suas produções comunicativas que a serem transmitidas como tradições. É olhando para esses documentos de memória, feitos de forma participativa e com autonomia pelos grupos, que o mapa foi analisado em nossa pesquisa mais ampla a partir de nossa pergunta orientadora: "como temporalidades e territorialidades são acionadas na construção de sentidos nos mapas afetivos dos Congados de Berilo e de que maneira esses sentidos produzem práticas de resistência e modos de existência dessa tradição?"

As discussões conceituais e metodológicas, os mapeamentos, os deslocamentos e as produções colaborativas feitas durante a pesquisa nos trouxeram até a construção dessa pergunta. Retomando toda a trajetória percorrida pelo fazer cartográfico, foi possível recolher algumas das pistas encontradas para caminhos de respostas. A partir da materialidade construída e recortada dos mapas, eles foram entendidos como condutores para encontrar respostas, sempre considerando, também na análise, aspectos gerais percebidos ao longo da caminhada.

O primeiro passo da análise, foi, assim, a organização das narrativas presentes nos mapas em eixos temáticos. Os eixos que se apresentam sobre os sentidos de Congado que o grupo de Nossa Senhora do Rosário dos Quilombolas de Berilo produz a respeito de sua prática foram: 1) música e alegria; 2) coletividade e bem-estar; 3) tradição e ancestralidade; 4) identidade, resistência e reconhecimento; 5) devoção e fé. Já os eixos de sentidos que o grupo de Lagoa de Ezequiel produz sobre suas práticas são: 1) música e diversão; 2) coletividade e bem-estar; 3) tradição e herança; 4) continuidade e inventividade; 5) identidade e resistência. Os títulos dos eixos foram pensados buscando utilizar da maneira mais literal possível as palavras mais utilizadas por cada grupo. As falas, ilustrações e grafismos presentes nos mapas foram organizados na pesquisa de acordo com esses eixos propostos.

A reflexão é feita, dessa maneira, a partir desse painel semântico de colagens sobre diferentes sentidos que o Congado tem para os congadeiros nesse território. Ao observar simultaneamente os dois mapas, mesmo sendo grupos diferentes em termos de constituição, histórico e práticas, grande parte dos sentidos que expressaram se aproximaram muito. A centralidade da alegria, da diversão, do bem-estar e da música; os sentidos de tradição, herança e ancestralidade; os elementos de reconhecimento, identificação e resistência; todos são exemplos de similaridades entre os sentidos presentes nos mapas. Há também diferenças evidentes como o aparecimento mais nítido da fé e da devoção no mapa do grupo

de Berilo e, no mapa de Lagoa, da ênfase no processo de continuidade e inventividade da tradição para que essa permaneça viva e ativa.

A territorialidade, entendida como o conjunto das relações construídas pelos sujeitos com os espaços, aparece nos mapas afetivos de diferentes formas: 1) por meio dos elementos simbólicos e poéticos criados que geram identificação, pertencimento local e enraizamento; 2) por meio das práticas de resistência e emancipatórias para a permanência de seus modos de vida; e 3) pelas lutas por reconhecimento que travam.

Já os sentidos de temporalidade que observamos nos mapas dos congadeiros são de tempos não lineares, não rentabilizados, mas focados na fruição no presente de uma prática coletiva que rememora, reflete e reinscreve no tempo a ancestralidade – tempo focado no encontro com o outro, na afetividade, na festa, na alegria, no bem-estar e na coletividade, que se alimenta do passado para criar bases de sustentação e de luta no presente, bem como as possibilidades de sonhar o futuro.

Por fim, é possível perceber que as ideias de tradicionalidades presentes nos mapas articulam, a todo momento, também, as noções que apareceram nos temas das territorialidades e das temporalidades. As tradicionalidades são uma espécie de articulação de eixo central entre essas duas faces e, ao mesmo tempo, formam-se pelas relações dos sujeitos com seus territórios e com aquilo que perdura e atravessa os diferentes tempos vividos neles. Os elementos simbólicos que geram identificação e enraizamento dos sujeitos nos espaços, alimentando práticas de resistência pela permanência dos seus modos de vida possibilitam outra relação com o tempo.

A perspectiva temporal espiralar (Martins, 2021a) que possibilita existências no presente decolonial, ancoradas na coletividade, no encontro com o outro e na rememoração da ancestralidade para possibilitar a criação de horizontes de futuro, fortalece os laços com o território, além da tradição gerada desses enraizamentos no território e dessas relações espiralares com o tempo. Ela é, também, simultaneamente, o que permite que essas relações emancipatórias com o território e com o tempo aconteçam. Assim, valho-me da metáfora proposta por Leda Martins (2021a) do tempo espiralar para dizer também do movimento espiralar nesse processo de retroalimentação entre temporalidades, territorialidades e tradicionalidades na formação dos sentidos de Congado produzidos pelos coletivos de Berilo e Lagoa em seu mapa.

O território oferece elementos de identificação, de reconhecimento e de resistência. O tempo produz existências emancipatórias a partir da vivência coletiva, alegre e musical. A tradição herda tudo isso e, a partir de sua inventividade, perdura e permanece criando sentidos para o Congado seguir vivo. Território, tempo e tradição de maneira espiralar e contínua vão se transformando e se retroalimentando, mantendo e modificando os sentidos do Congado para as comunidades quilombolas de Berilo e para Lagoa de Ezequiel. Nessa espiral, nenhum desses elementos segue de maneira fixa e permanente, mas estão permanentemente sendo afetados, transformados e possibilitados uns pelos outros.

O Congado, enquanto prática cultural, tem seus sentidos em constante disputa e, mesmo nesse território relativamente pequeno de Berilo e sua zona rural, essa diversidade se manifestou na produção coletiva dos mapas de sentidos. O contexto de luta de surgimento da prática e suas múltiplas experiências possíveis demonstram a potência das permanências e das transformações das tradições. A partir do processo de construção colaborativa do mapa conseguimos construir os sentidos que o Congado tem para os grupos de Berilo e Lagoa: da possibilidade de uma existência livre, festiva e ancorada na ancestralidade e, ainda, da necessidade de uma resistência e de um enraizamento com o território, permanentes. São sentidos de uma tradição que é viva, que faz sentido no hoje para quem a pratica. O que os mapas afetivos contam é que o Congado em Berilo e Lagoa é uma maneira de resistir e de existir.

6 Considerações finais

A partir das reflexões aqui expostas e a partir da experiência de pesquisa com a construção de mapas afetivos, foi possível averiguar que o fazer cartográfico de fato se configurou como fundamento metodológico e analítico fundamental para o estudo do Congado de Berilo.

Ressalta-se o entendimento aqui proposto de um fazer cartográfico que é tanto estratégia ética e orientador do processo de construção do conhecimento, como possibilidade de método prático para analisar e compreender práticas comunicativas complexas. Observa-se que, mais do que os resultados encontrados para as perguntas iniciais, a grande contribuição desse processo tenha sido o compartilhamento do percurso, da caminhada, do fazer cartográfico. O processo dos deslocamentos e da cartografia como métodos e éticas metodológicas possibilitou a materialidade de outros modos de relações entre pesquisadores e seus interesses de pesquisa. A polissemia que o Congado representa em Berilo, registrada ao longo de todo o percurso, apontou para a diversidade de sentidos, manifestações e vivências que essa expressão cultural pode representar.

A técnica de criação coletiva de um produto midiático, no caso, os mapas afetivos, contribuiu para a elaboração, enunciação e compartilhamento dos sentimentos e ideias do coletivo a respeito dos sentidos que demarcam a sua prática cultural. As noções de territorialidade, temporalidade e tradicionalidade emergiram nesse fazer comunicativo colaborativo. Ao acionar diferentes linguagens para a criação do produto comunicativo e, ao materializar e coletivizar ideias subjetivas, os coletivos conseguiram, ao mesmo tempo que enunciar, aprofundar suas reflexões a respeito da própria experiência que produzem.

Importante ressaltar, contudo, que as percepções e narrativas a respeito das experiências compartilhadas estão em constante disputa. Não são homogêneas e estéreis. As contradições, os conflitos e as divergências constituem esses mapas que são a representação dessa diversidade de sentidos que compõem a experiência. Mesmo assim, é possível observar também as convergências e os elementos de unidade dos coletivos. O Congado como possibilidade de uma existência festiva e ancorada na ancestralidade e a necessidade de uma resistência e de um enraizamento com o território permanentes são exemplos desses sentidos altamente compartilhados e expressos a partir da experiência de criação dos mapas.

Sabendo que o conhecimento produzido nessa experiência de forma colaborativa com esses grupos será sempre um recorte possível do olhar e da experiência subjetiva das pesquisadoras nessa troca, acredita-se que deslocamentos de outros sujeitos e novas construções coletivas e cartográficas de saber sobre os

Congados de Berilo ainda trarão muitas outras perspectivas às discussões possíveis na pesquisa realizada.

Referências

ACSELRAD, Henri (org.). *Cartografias sociais e território.* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

FONSECA, Maria Gislene Carvalho. *Novelo de verso*: fios de memória, tradição e performance tecendo a poesia de cordel. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/1843/30005. Acesso em: 8 ago. 2022.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia Social*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/8rWQrJSBTg7w8zTV47svGTq/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 9 mar. 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar*: poéticas do corpo tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021a.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*: o reinado do Rosário no jatobá. São Paulo: Perspectiva, 2021a.

OCAÑA, Alexander Ortiz; LÓPEZ, María Isabel Arias. Fazer decolonial: desobedecer a metodologias de investigação. *Hallazgos*, Bogotá, v. 16, n. 31, p. 147-166, 2019.

ROLNIK, Sueli. *Cartografia sentimental:* transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ROSÁRIO, Martins Nísia; COCA, Adriana Pierre. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. *Revista Comunicação & Inovação*, PPGCOM/USCS, v. 19, n. 41 [34-48] set-dez, 2018.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

VAL, Ana Paula do. *Cartografias afetivas*: mapas em movimento. Programa Itaú Social UNICEF, 2016. Disponível em: https://programaitausocialunicef.cenpec.org.br/noticia/cartografias-afetivas-mapas-em-movimento/. Acesso em: 14 out. 2022.

Artigo submetido em 30/06/2023
Aceito em 04/10/2023